

Economia



PISO DA ENFERMAGEM

Barroso defende decisão de suspender

Ministro diz que é uma tentativa de concretizar pagamento de valores e não de barrar



PARA ACESSAR AFONTE O CELULAR PARA O QR CODE

BRASIL EM 87º NO RANKING

QUEDA NO IDH

País perde uma posição e volta ao nível de 2014. Mortalidade na pandemia explica retrocesso



MANOEL VENTURA
manoel.ventura@bsb.oglobo.com.br
BRASÍLIA

No primeiro relatório que identifica os impactos causados pela pandemia de Covid-19 no bem-estar da população mundial, o Brasil caiu uma posição no ranking de desenvolvimento humano das Nações Unidas, que considera indicadores de saúde, escolaridade e renda. Dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud) divulgados ontem mostram que o país recuou da 86ª posição em 2019 para a 87ª em 2021.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) brasileiro ficou em 0,754, considerado pelo Pnud um patamar elevado. Mas, com a perda de desenvolvimento humano por dois anos seguidos, o Brasil recuou ao patamar de 2014, quando o IDH do país também era de 0,754. É um retrocesso maior do que a média mundial —o IDH global retrocedeu ao nível de 2016. Pela metodologia do Pnud, quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano.

Comparando com os dados de 2019, a dimensão que derrubou o IDH brasileiro foi a saúde, o que evidencia o impacto da alta mortalidade no país durante a pandemia. A renda média do brasileiro avançou em relação a 2019, enquanto os indicadores de educação ficaram estagnados.

Em 2019, a expectativa de vida média do brasileiro ao nascer era de 75,3 anos. Ago-



“O que esse número mostra é que o combate à pandemia foi um desastre. Atribuo essa queda na expectativa de vida e no IDH a um fracasso na política de controle da pandemia”

José Eustáquio Diniz Alves, pesquisador e demógrafo

ra, este número caiu para 72,8 anos. Neste quesito, o país retrocedeu 13 anos. A esperança de vida média ao nascer hoje é praticamente igual à de 2008, que era de 72,7 anos.

O Brasil é o segundo país com maior número de mortes por Covid-19 no mundo, atrás apenas dos Estados Unidos. Mais de 684 mil brasileiros morreram na pandemia. Nos EUA, onde as mortes por Covid ultrapassaram um milhão, a expectativa de vida caiu 1,9 ano, para 77,2 anos, ao nascer. A queda da expectativa de vida do brasileiro também foi maior que a média global, que sofreu uma redução de 1,6 ano, para 71,4 anos.

No mundo, o IDH voltou aos níveis de 2016, com mais de 90% dos países registrando declínio na pontuação em 2020 ou 2021, anos em que o planeta foi afetado fortemente pela pandemia. O IDH global é de 0,732.

O Brasil vinha subindo seu IDH ano a ano. Em 2010, por exemplo, era de 0,723. Com a pandemia e a crise econômica, o país estacionou e retrocedeu no desenvolvimento humano.

Os três primeiros colocados no ranking foram Suécia, Noruega e Islândia. Na América do Sul, o Chile tem a melhor classificação, com 0,855 de IDH, em 42º lugar.

IMPACTO DA DESIGUALDADE

No Brasil, o desenvolvimento humano despica ainda mais quando a desigualdade entra na equação. O país perde nada menos que 20 posições quando o indicador é ajustado à desigualdade. O IDH de 0,754 cai para 0,576, uma queda de 23,6%. A principal causa para o resultado brasileiro neste indicador é a desigualdade de renda.

O Relatório de Desenvolvimento Humano 2021/2022 foi divulgado ontem. Até então, o dado mais recente era de 2020, referente ao ano anterior. Portanto, este é o primeiro relatório do IDH que captura o impacto da pandemia no desenvolvimento hu-

RESULTADOS DO ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Levantamento considera dados de saúde, escolaridade e renda

O RANKING DO IDH

Os 10 primeiros		
1	Suíça	0,962
2	Noruega	0,961
3	Islândia	0,959
4	Hong Kong	0,952
5	Austrália	0,951
6	Dinamarca	0,948
7	Suécia	0,947
8	Irlanda	0,945
9	Alemanha	0,942
10	Holanda	0,941

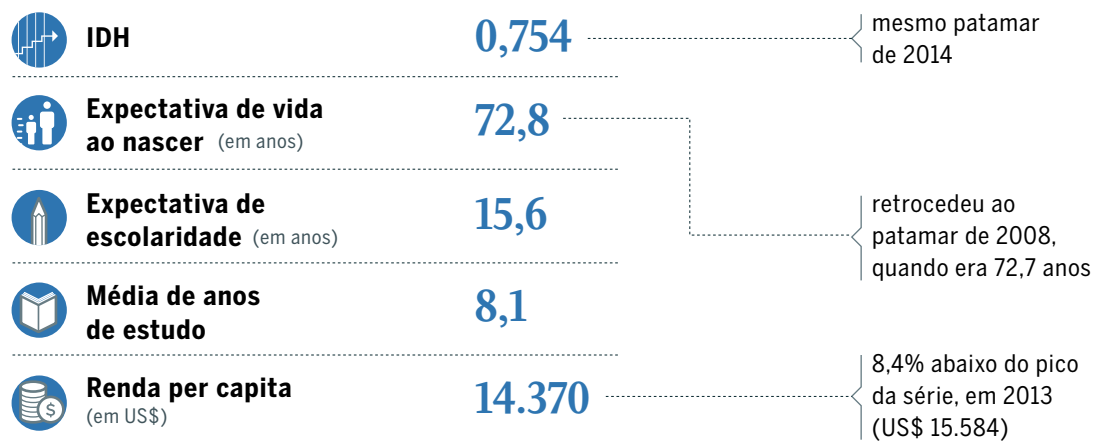
Índice muito elevado	
19 - Japão	0,925
21 - EUA	0,921
27 - Espanha	0,905
28 - França	0,903
30 - Itália	0,895
38 - Portugal	0,866
42 - Chile	0,855
47 - Argentina	0,842
58 - Uruguai	0,809

Índice elevado	
79 - China	0,768
87 - Brasil	0,754
109 - África do Sul	0,713

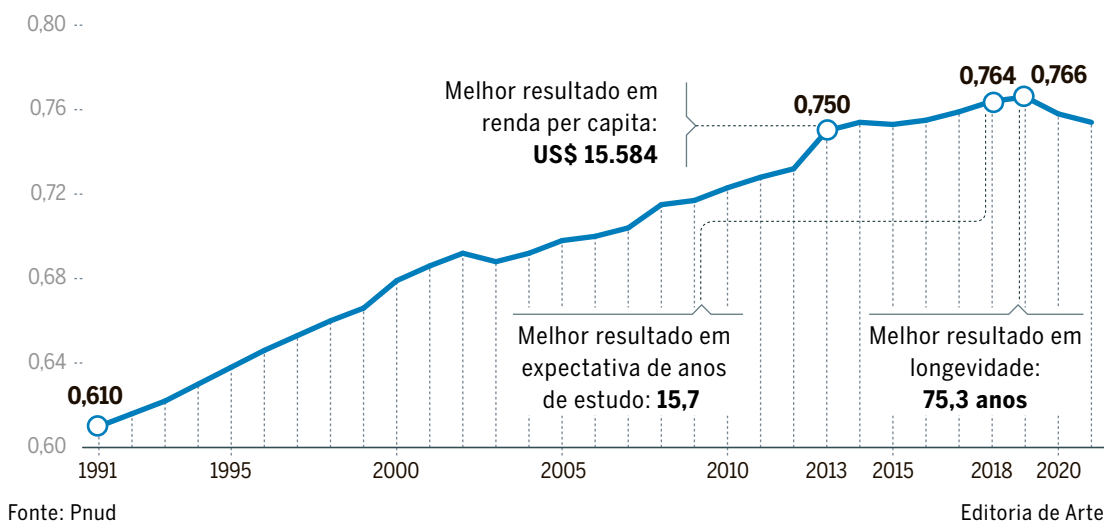
Índice médio	
120 - Venezuela	0,691
132 - Índia	0,633

Índice baixo (os últimos do ranking)	
189 - Níger	0,400
190 - Chade	0,394
191 - Sudão do Sul	0,385

OS NÚMEROS DO BRASIL EM 2021



EVOLUÇÃO DO IDH BRASILEIRO NOS ÚLTIMOS ANOS



mano. O IDH mede a saúde, a educação e o padrão de vida de uma nação.

O pesquisador e demógrafo José Eustáquio Diniz Alves afirma que o país caiu mais que a média mundial e, além disso, teve um desempenho

pior que seus vizinhos sul-americanos. Ele calcula, por exemplo, que se o país tivesse combatido a pandemia como o mesmo rigor da Nova Zelândia, seriam 120 mil mortes, e não o patamar atual, que supera 684 mil. Essa conta é fei-

ta com base no número de mortes por habitante.

—O que esse número mostra é que o combate à pandemia foi um desastre. Atribuo essa queda na expectativa de vida e, consequentemente, no IDH a um fracasso na poli-

tica de controle da pandemia no Brasil — afirma. — Na Nova Zelândia, que fez um trabalho bem feito de combate à pandemia, o IDH subiu. Mesmo com IDH muito alto, ela conseguiu aumentar mais ainda, porque conseguiu controlar a pandemia em 2020 e 2021.

CHINA ULTRAPASSA O BRASIL

Diniz Alves afirma ainda que há uma tendência de que os dados de educação piorem no Brasil. Segundo ele, os dados atuais estão defasados. O IDH mede, além da média de anos de estudo, a expectativa de anos na escola. O pesquisador também chama atenção para os dados da China. O país tinha um IDH de apenas 0,499 em 1990, enquanto o do Brasil era de 0,613. Nas últimas décadas, os dois IDHs se aproximaram, e em 2021 a China ultrapassou o Brasil pela primeira vez —o IDH do país asiático agora é de 0,768.

Betina Barbosa, coordenadora da unidade de desenvolvimento humano do Pnud no Brasil, afirma que a instituição evita fazer comparações entre médias e ressalta que é preciso analisar cada número:

— A pegada do relatório para o Brasil é mais preocupante que a queda no ranking e no índice. Isso significa que o Brasil precisa rapidamente se recuperar na dimensão em que ele não reagiu, que é a saúde. Precisa repensar suas políticas em tempos de crise.

A pesquisadora também reconhece que há dificuldade de capturar alguns indicadores ao redor do mundo e que será preciso acompanhar o relatório dos próximos anos para confirmar os impactos da pandemia e a sua recuperação:

— Tivemos graus de dificuldade em diferentes órgãos em termos de estatística. O Pnud não vai rever os dados publicados hoje (ontem), mas sabe que precisamos estar muito atentos às estatísticas de 2022, 2023 e 2024 para acompanhar a recuperação e os impactos da pandemia.

ENTREVISTA

Ana Amélia Camarano, ECONOMISTA

‘SAÚDE PRECISA SER PRIORIDADE, DA PREVENÇÃO AO TRATAMENTO’

BRASÍLIA

A economista Ana Amélia Camarano, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, afirma que, entre 1980 e 2019, a expectativa de vida do brasileiro aumentou a uma média de quatro meses por ano. Agora, os

dados das Nações Unidas mostram que a expectativa de vida ao nascer recuou dois anos e meio entre 2020 e 2021. Para ela, é necessário fazer uma política pública de monitoramento e cuidado de quem teve Covid.

O que os dados do Pnud mostram sobre a expectativa de vida do brasileiro?

A pandemia levou a um aumento da mortalidade no Brasil numa taxa mais alta que nos demais países. Isso levou a uma queda maior da expectativa de vida ao nascer do brasileiro do que no resto do mundo. Foi uma queda de dois anos e meio de expectativa de vida. Para se ter uma ideia, entre 1980 e 2019, a expectativa de vida do Brasil aumentou a uma média de quatro meses por ano. Entre 2020 e 2021

caiu mais de um ano.

Por que isso aconteceu no país?

É um cenário grave. Foi um cenário de muitas mortes, esse é o primeiro ponto. Além de ser um cenário de muitas mortes, o que diminui a população, teve aumento da mortalidade materna. Além de tirar as mulheres da população, tira os bebês que poderiam nascer. A taxa de mortalidade materna no Brasil foi sete vezes mais alta que a média mundial. Isso leva a uma aceleração da diminuição da população. A mortali-

dade materna faz com que deixem de nascer pessoas.

É possível reverter esse quadro?

Tem como reverter isso, mas não é para amanhã. Estamos falando agora da mortalidade da Covid-19, a pessoa não conviveu por muito tempo com a doença. A gente não sabe as sequelas das pessoas que tiveram Covid, se essas pessoas vão ter uma vida mais curta, se vão viver menos. A gente não sabe. A pandemia não acabou, ainda está morrendo uma média de mais de

cem pessoas por dia.

E o que o poder público precisa fazer?

A gente tem que aguardar essas sequelas da Covid, e isso não é uma coisa simples. É preciso ter uma política pública de saúde. É preciso ampliar a cobertura do SUS (Sistema Único de Saúde), criar políticas de prevenção e de reabilitação para quem sobreviveu à Covid. A saúde precisa ser prioridade, desde o começo, da prevenção ao tratamento. (Manoel Ventura)